

## Comunidades tradicionais: de objetos a sujeitos dos estudos de cultura

Professor da UNILA, o antropólogo Andrea Ciacchi discute os desafios teóricos e políticos da pesquisa junto a grupos subalternos

Karina Janz Woitowicz<sup>1</sup>



Professor Andrea Ciacchi durante palestra no Congresso da Intercom 2014

Com uma trajetória de pesquisa voltada às comunidades tradicionais de diferentes regiões do Brasil, o professor Dr. Andrea Ciacchi, em entrevista à *Revista Internacional de Folkcomunicação*, reflete sobre as perspectivas dos estudos antropológicos e apresenta desafios para os pesquisadores de folkcomunicação.

Graduado em Antropologia na Universidade de Roma, o professor realizou mestrado em Letras na UFPB, doutorado em Estudos Ibéricos na Universidade de Bolonha e pós-doutorado no Departamento de Antropologia da Unicamp. É professor do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos Latino-Americanos da Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA) e do Programa de Pós-Graduação em Linguagens e

---

<sup>1</sup> Professora Dra. do Curso de Jornalismo e do Mestrado em Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). Vice-presidente da Rede de Estudos e Pesquisa em Folkcomunicação (Rede Folkcom), coordenadora do GP de Folkcomunicação da Intercom e coordenadora do Grupo de Pesquisa Jornalismo Cultural e Folkcomunicação da UEPG.

Saberes da Amazônia na Universidade Federal do Pará (UFPA).

Em suas pesquisas, dedica-se às formas de cultura popular, às histórias e narrativas locais e orais de grupos subalternos e à antropologia das populações tradicionais, conforme revela percurso como pesquisador no Brasil. Participou de projetos de pesquisa e extensão junto a comunidades pesqueiras do litoral da Paraíba, do Rio Grande do Norte e de Pernambuco. Filiado à Associação Brasileira de Antropologia (ABA), foi membro da Comissão de Direitos Humanos da entidade. Atualmente, dedica-se na Unila ao projeto AntropoLATina (*antropolatina.pro.br*), que busca criar um acervo digital de instituições e revistas de Antropologia em vários países da América Latina.

Em setembro de 2014, durante o Congresso da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom) em Foz do Iguaçu/PR, Andrea Ciacchi realizou a palestra de abertura do Grupo de Pesquisa de Folkcomunicação sobre o tema “Perspectivas de pesquisa com comunidades tradicionais: narrativas orais e marcas da cultura popular”. Em sua apresentação, propôs uma abordagem teórico-metodológica dos estudos da cultura popular, relacionando os desafios contemporâneos dos antropólogos latino-americanos que investigam populações tradicionais e os aspectos metodológicos da etnografia, especificamente quando realizada com grupos e experiências da cultura popular.

Na entrevista que segue, o professor apresenta análises sobre implicações metodológicas das pesquisas e destaca sua compreensão sobre o papel do pesquisador: “produzir **reconhecimento** e **reproduzir conhecimento**”. Tal percepção inspira diálogos e aproximações com o campo de pesquisa em folkcomunicação, no desafio de valorizar as dinâmicas culturais presentes nas práticas comunicativas.

### ***Quais foram os trabalhos mais relevantes que você desenvolveu no Brasil?***

Não caberia a mim dizer se os meus trabalhos são relevantes, ou não... No currículo “Lattes”, de fato, somos solicitados a indicar os “cinco trabalhos mais relevantes”, para que neles, depois, apareçam outras tantas estrelinhas amarelas. Se olho, agora, para as minhas “estrelas”, vejo alguma coisa em que talvez não tivesse reparado antes.

A estrela mais antiga está colocada num relatório técnico, o *Relatório Preliminar Referente ao Diagnóstico Sócio-Ambiental da Região do Estuário do Rio Goiana - PE/PE*, que desenvolvi, junto a alguns colegas biólogos da UFPB e alguns alunos dessa minha

antiga universidade, em 2006. Trata-se, talvez, do momento culminante de cerca de dez anos de pesquisas realizadas, no litoral da Paraíba, de Pernambuco e do Rio Grande do Norte, com grupos e comunidades de pescadores artesanais, sempre em companhia de estudantes de graduação, de mestrado e de doutorado. Esse relatório de 2006 sintetiza um trabalho realizado em 2005 e que, pouco depois, resultaria na criação de uma Reserva Extrativista, justamente nessa região estuarina, na divisa entre Paraíba e Pernambuco. Creio, assim, que essa estrela marca a articulação entre uma trajetória de pesquisa (que se iniciou em 1994 e andou se tornando mais consistente ao longo de cerca de dez anos) e a minha, sempre presente, preocupação social e política, que vem, na realidade, dos meus anos de formação em Antropologia, ainda na Itália, no final dos anos setenta.

Em seguida, tenho duas estrelas ao lado de dois artigos mais “teóricos”, um de 1997, sobre metodologias de coleta de dados em campo e outro, de 2007, em que, na companhia de uma colega francesa que leciona na UFRN, Julie Cavignac, tentamos refletir sobre as consequências metodológicas, teóricas e, de novo, políticas, do trabalho com fontes orais. Essa sempre foi uma preocupação minha: articular o teórico com o metodológico, talvez buscando fazer jus a um dos supostos epistemológicos mais fortes da própria antropologia, na qual, como sabemos, mal se distinguem teorias e metodologias, umas se imbricando nas outras. Finalmente, para chegar ao número de “cinco estrelas”, acabei marcando dois dos vários trabalhos que publiquei sobre a mulher que resumiu os meus interesses de pesquisa a partir de 2006, ano em que estava no pós-doutorado no Departamento de Antropologia da UNICAMP: Gioconda Mussolini, a primeira antropóloga social brasileira e, também, a primeira a estudar, com rigor e profundidade, comunidades de pescadores. Aqui, creio que se visualize o que mais me interessa agora: uma reconstrução, ao mesmo tempo etnográfica e historiográfica, de trajetórias pouco visíveis no pensamento antropológico brasileiro.

***A partir da sua trajetória de pesquisa junto a comunidades tradicionais, como você analisa as contribuições dos estudos baseados na etnografia?***

Creio que nem tanto a partir da *minha* trajetória de pesquisa, mas a partir do trabalho de vários cientistas sociais brasileiros, posso afirmar que o melhor dos estudos sócio-

antropológicos sobre comunidades tradicionais (sobretudo os que eu conheço melhor, sobre grupos de pescadores artesanais) se revela quando esses estudos resultam de pesquisas etnográficas, independentemente do seu “estilo”, da sua metodologia ou mesmo dos seus objetivos e contextos. Para isso, talvez meio paradoxalmente, também contribui um fato curioso: durante várias décadas (diria desde a institucionalização das Ciências Sociais no Brasil, ou seja, os anos trinta do século XX), os estudos sobre o que mais tarde (mesmo com algum desacordo teórico e/ou classificatório) se denominaram “comunidades tradicionais” têm sido muito escassos. Isso gera esse efeito colateral positivo: quem se interessasse a elas era obrigado a ir lá, fazer campo, fazer etnografia. Tenho vontade de dizer que isso vii, de fato, Gioconda Mussolini entre protagonistas desse movimento, desde os seus anos de estudo de graduação, na antiga faculdade de Filosofia da USP, no final dos anos trinta. Para estudar os caiçaras do litoral norte de São Paulo, ela ia lá, sobretudo a Ilhabela, ver de perto, falar, dialogar, acompanhar a pesca da tainha etc.

Hoje, passados quase cem anos dessas primeiras experiências, a etnografia viu o seu papel (inclusive político) mais enfatizado ainda. Desde os anos oitenta e noventa, discute-se, nas antropologias do mundo inteiro, a “autoridade etnográfica”: quem, de fato, escreve as “nossas” etnografias? Os antropólogos ou os sujeitos que dialogaram conosco durante as pesquisas de campo, que nos “abasteceram” de dados, opiniões, falas, conhecimentos. Por isso venho dizendo que, sobretudo com relação às comunidades ditas tradicionais e aos seus “conhecimentos”, também ditos tradicionais, nós nos aproximamos não para *produzir conhecimento*, como preconizam os nossos dirigentes de pesquisa (nas universidades e nas agências de fomento), mas para outras duas tarefas, simétricas e, ao mesmo tempo, mais amplas: *produzir reconhecimento* e *reproduzir conhecimento*. E sem etnografias, isso não pode funcionar!

***Quais são os desafios metodológicos colocados aos pesquisadores que se dedicam aos estudos focados em populações tradicionais e grupos subalternos ou marginalizados?***

Talvez o desafio maior seja esse mesmo que vinha comentando agora: aceitar esse “recuo”, esse “passinho atrás”: aceitar que o que publicamos, por exemplo, tenha poucas palavras “nossas” e mais, ou muito mais, “deles” ou “delas”. Na antropologia, em

geral, os desafios metodológicos não se dão, ou não aparecem apenas em campo. Eles surgem antes (quando planejamos ou mesmo idealizamos a nossa investigação, a sua justificativa, os seus objetivos, a sua dimensão etc.) e, sobretudo, se prolongam depois, quando transformamos uma experiência (ao mesmo tempo individual e coletiva) num “texto” a ser compartilhado com outros, aliás, com outros “outros”. Nenhum texto nosso, nenhuma pesquisa nossa, aliás, tem ou terá o poder de reverter ou mesmo reduzir a subalternidade ou a marginalidade de quaisquer grupos sociais, é claro! Mas uma “boa” etnografia pode, sim (quero dizer, deve) assinalar, mostrar, descrever, os mecanismos dessas subalternidades e marginalidades. A antropologia, como qualquer outra ciência social, tem a tarefa, a obrigação de desmascarar as ideologias, mas não pode fazer isso “ideologicamente”, unilateralmente, apenas com os discursos e os textos de nós, cientistas sociais. A etnografia, quanto mais reveladora, mais compartilhada – e vice-versa, naturalmente.

***Na sua avaliação, de que modo as narrativas orais podem ser trabalhadas como objeto dos estudos de comunicação e cultura?***

Permita-me virar a pergunta pelo avesso: o modo é o outro – ter essas narrativas orais não como objetos de pesquisa, mas como sujeitos. A prática da comunicação, nisso, tem, talvez, alguma vantagem. Há uma série de tradições, sobretudo no jornalismo, em que isso é enfatizado. Penso no “new journalism” e nos seus filhotes brasileiros, como a revista *Realidade*, entre outras. O que aconteceu, então? Também o recuo, o “passinho atrás” do jornalista, assim como defendo no caso do antropólogo, do cientista social.

Por outro lado, porém, narrativas orais são também fluxos poderosos de tradições (literárias, artísticas, de saberes e de práticas, etc.) que, não estando “soltas no ar”, como dizia o velho Roger Bastide, ganham, e muito, ao permanecerem atreladas aos seus produtores, que, evidentemente, não somos nós. Em outras palavras, esse nosso recuo, na realidade, comporta uma operação epistemológica complexa, delicada, da maior importância e, às vezes, dificuldade: fazer a “ligação”, entre narrativas e narradores, entre saberes (e falas) e práticas (e, também, falas sobre essas práticas), entre esferas das narrativas (orais, mas não só) e esferas sociais mais complexas e articuladas, frequentemente ou mesmo quase sempre atravessadas por conflitos,

tensões, opacidades. Esse é o nosso trabalho, que, portanto, nesse sentido, não tem nada de “jornalístico”, no sentido redutivo de “uma boa intenção na cabeça e um microfone na mão”, parafraseando o velho Glauber.

Para que não digam que estou fantasiando algo que não existe, sugiro que se volte aos trabalhos (desde os mais velhos aos mais recentes) de um antropólogo argentino, radicado no México, e que sempre dialogou com esses mundos da comunicação: Nestor García Canclini.

***Como você percebe as aproximações entre os estudos da Antropologia e as perspectivas da folkcomunicação?***

Isso: se parto dessa lição antropológica do García Canclini, vejo que as duas tradições, embora de idades diferentes, podem marchar na mesma direção. A metáfora cinematográfica do “primeiro plano” é replicável em textos escritos (ou mesmo, se é que existem ainda..., orais, como programas de rádio, que deveríamos voltar a utilizar, na perspectiva, inclusive, política, que mencionei antes) e, evidentemente, visuais (documentários, por exemplos).

Por outro lado, porém, creio que caiba aos pesquisadores ligados à folkcomunicação um outro desafio, que consistiria em retomar as ideias geradoras dessa tradição e trazê-las no terreno contemporâneo da sociedade e da cultura brasileira. Em outras palavras, não ter medo de questionar velhos lugares comuns e, por exemplo, verificar o potencial de “comunicação” (ou seja, de intenções anti-hegemônicas) das práticas populares e tradicionais. A tradição da folkcomunicação viu, até mais cedo do que a própria antropologia, em certos casos, que na cultura havia um potencial comunicacional pouco explorado. Bem, agora, nesse pedaço de século XXI que parece fadado, apenas, ao reconhecimento do tecnológico, há, sempre houve e sempre haverá, creio eu, experiências culturais (ou sociais ou políticas, o que pode muitíssimo bem ser sempre a mesma coisa!) que ainda precisamos registrar, descrever, compreender e divulgar.

***Quais são os temas aos quais você se dedica atualmente?***

Gioconda Mussolini e a UNILA, a Universidade Federal da Integração Latino-Americana, onde eu trabalho desde 2010, juntaram-se, de certa forma, para que os meus interesses

de pesquisa aprofundassem e ampliassem as perguntas sobre etnografia do pensamento, das trajetórias intelectuais e das instituições. Desenvolvo um projeto (“Antropologias na América Latina: trajetórias e instituições”) que busca, numa primeira fase que deverá durar dois anos, reunir fontes para que se possam compreender momentos decisivos da formação dos campos acadêmicos da Antropologia em alguns países da América Latina. Esses momentos decisivos estão localizados, na minha hipótese inicial, no século XIX, como resultado, entre outras injunções históricas e ideológicas, da transformação de todas as sociedades latino-americanas de colonizadas a soberanas politicamente, mas, ainda, com o desafio de compreenderem, classificarem (e, eventualmente, “aceitarem” e/ou “eliminarem”) os seus respectivos outros: índios, mestiços, populações tradicionais etc. Estou na prazerosíssima fase de organização do acervo, e, para isso, criei uma ferramenta digital, um pouco para mim e um pouco, desde já, para o “público” que gostaria de atingir. AntropoLATina (*antropolatina.pro.br*) é, mesmo que ainda em construção, uma tentativa de criar um grande acervo digital de instituições e revistas de antropologia em vários países da América Latina.